

## O ESTILO MACHADIANO E O TRADUTOR

Lea Mara Valezi STAUT<sup>1</sup>

- RESUMO: O artigo aborda os problemas decorrentes da tradução de textos machadianos, tarefa que, via de regra, esbarra no estilo peculiar do autor e na visão preconcebida do tradutor.
- UNITERMOS: Tradução; estilo; visão de mundo.

A obra machadiana já conheceu numerosos tipos de estudos e abordagens – e muitos outros ainda conhecerá, por certo, dada a multiplicidade e riqueza de técnicas e recursos utilizados por seu criador, sem excluir, naturalmente, o seu talento. Críticos literários das mais variadas tendências sempre encontraram nos escritos do Bruxo do Cosme Velho uma fonte inesgotável de significações que já possibilitou abordagens biográficas, psicológicas, religiosas, metafísicas, filosóficas, políticas, sociológicas, sanitárias, econômicas, histórico-sociais, com estudos incidindo sobre a formação intelectual do autor, seu humor, seu ceticismo, fontes e influências de sua obra, carnavalização, plurivocidade narrativa etc.

Diante dessa mina machadiana, resta saber como se posiciona o tradutor que se dispõe a apresentar uma obra de tal quilate em outro idioma. Poucos são os que expõem suas dificuldades, problemas, soluções, idéias acerca da atividade tradutora, limitando-se, a maioria, apenas a fornecer ao público leitor o resultado do seu trabalho. Por isso mesmo, dos raros depoimentos disponíveis, há alguns pontos que merecem ser destacados.

*Quelques contes (Várias histórias)* é a primeira obra machadiana traduzida para o francês<sup>2</sup> e também a única a apresentar um prefácio feito pelo próprio tradutor, Adrien Delpech, no qual são expostas suas idéias acerca da atividade de tradutora, da obra e do autor brasileiro.

Ao tratar de seu trabalho como tradutor, Delpech esclarece: *'J'ai traduit Machado de Assis, c'est-à-dire que j'ai superposé à sa mentalité une autre mentalité bienveillante*

1. Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

2. Ver indicação completa de todas as obras machadianas traduzidas para o francês *in fine*.

*et aussi harmonique que possible avec la sienne. Et c'est le rôle fatal de tout traducteur, essayât-il de faire une traduction juxtalinéaire, en créant même des néologismes à tout bout de champ, comme Chateaubriand dans sa traduction du Paradis Perdu.*' (1910, p. XXVII) E, citando Anatole France, completa: '*Il y a de belles traductions, peut-être, mais il n'y en a pas de fidèles...*' (loc. cit.)

Delpech, que é também responsável pela tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, parece revelar um acentuado grau de consciência da atividade tradutora. Todavia, uma análise dos textos por ele traduzidos demonstra que a benevolência e a harmonia acima declaradas ficam bem aquém do desejável. Apenas a título de exemplo, dentre as muitas ocorrências notadas, destaque-se o fato de as *Memórias* apresentadas por ele ao público francês terem um capítulo a menos, eliminado pelo tradutor que, certamente, decidiu 'melhorar' o original.

Em maio-junho de 1980, a ABRATES promoveu no Rio de Janeiro um ciclo de conferências sobre a tradução literária, posteriormente reunidas em livro. (1982) Dentre os conferencistas está Robert L. Scott-Buckleuch, 'tradutor amador', em suas próprias palavras, de *A Bagaceira* de J. Américo de Almeida, *O triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto e *Iaiá Garcia* de Machado de Assis para o inglês.

Embora a língua-alvo seja o inglês e não o francês, o tradutor tece alguns comentários dignos de nota sobre seu trabalho e sobre o autor brasileiro. Sempre estabelecendo comparações entre as três obras por ele traduzidas, Scott-Buckleuch afirma ter logo descoberto que "apesar de seu estilo todo pessoal e único, Machado de Assis seria mais fácil de traduzir", isso porque "não há nada, quer no fundo quer na forma dos livros de Machado de Assis, que a língua inglesa não possa expressar adequadamente." (1982, p. 108)

Tratando das dificuldades de traduzir *A Bagaceira*, conclui que "na verdade, nenhum escritor brasileiro é fácil de ser traduzido, e talvez a razão disso seja porque ele escreve exclusivamente para um público brasileiro. Não faz concessão a estranhos" (p. 110). Machado, contudo, não segue essa regra, pois "apesar das grandes diferenças entre as línguas inglesa e portuguesa, e apesar do estilo pessoal do grande mestre brasileiro, é possível para um bom tradutor fazer justiça à sua obra. Isso porque, para o europeu (e me refiro principalmente ao inglês) o choque cultural e o que nós podemos chamar de choque lingüístico são relativamente suaves. Machado de Assis não se distanciou muito dos caminhos tradicionais europeus." (p. 118)

Deduz-se daí que o mestre das letras nacionais seria menos brasileiro que Lima Barreto e José Américo. Ou por outra, seria mais europeu que os dois citados. Subjaz a essas afirmações a visão já ultrapassada que considera Machado alheio aos problemas nacionais, ignorando o postulado estabelecido pelo próprio autor: "O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço" (1973, p. 804). Destaque-se também a ênfase que o tradutor dá ao estilo do autor, 'pessoal e único', e que, 'apesar' dessa constatação, foi 'mais fácil' traduzi-lo do que os outros dois autores. Tudo leva a crer que Scott-Buckleuch preocupou-se

apenas com as estruturas lingüísticas, ignorando ou, pelo menos, considerando secundárias as literárias.

Dos tradutores franceses, Anne-Marie Quint tem alguns trabalhos apresentados em reuniões científicas que possibilitam uma visão de suas idéias a respeito do traduzir. (1988, 1987, 1986) No tocante ao escritor brasileiro, Quint expõe, no '*Colloque sur la traduction en français de la littérature brésilienne*', dentre outras, suas dificuldades na tradução de *Dom Casmurro*. São tratados problemas pontuais, tais como o termo 'agregado' e o pretérito perfeito em português, questões que mostram "*clairement les obstacles que peut offrir un texte brésilien à la compréhension non seulement des Français, mais des Portugais eux-mêmes, s'ils se comportent en lecteurs passifs, incapables d'aller au delà de la sémantique qui leur est familière. Or, beaucoup de nos étudiants sont d'origine portugaise et il leur est souvent très difficile d'opérer cette projection hors des repères culturels liés à ce qui est parfois leur vraie langue maternelle.*" (1986, p. 8-9)

Professora de língua e literatura portuguesa e de tradução por mais de dez anos, antes de ser tradutora, é uma decorrência quase natural que seus escritos revelem mais preocupação de ordem pedagógica com o ensino e a formação de tradutores. Contudo, um estudo do texto machadiano traduzido pela professora Quint revela o zelo didático com que procura orientar a decodificação em algumas passagens, facilitando a leitura para o receptor francês com notas explicativas tautológicas que reduzem ou eliminam a imprevisibilidade e a surpresa sobre as quais se fundamenta a codificação estilística.

Em que consistiria, afinal, a 'facilidade' ou 'dificuldade' em traduzir Machado, autor 'enigmático e bifronte', no dizer de Antonio Candido, que escondia um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente de suas histórias 'que todos podiam ler'? (1970, p. 17)

Reconhecidamente um autor inovador e revolucinarário na história da literatura brasileira, Machado tudo transformou em sua enorme oficina de produção textual, particularmente a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, marco do realismo e de inovações na técnica ficcional. À elegância, à correção, ao equilíbrio e à clareza de sua linguagem, o mestre incorporou a narrativa problematizante, a técnica fragmentária, o realismo cômico-fantástico e a forma livre próprias da sátira menipéia e da carnavalização literária, trazendo consigo o humor disparatado, a ironia, a digressão, a polifonia, a paródia, o leitor incluso, o sarcasmo, a intertextualidade... Experimentando, misturando, indagando, criando, rompendo, transgredindo, Machado logrou alcançar aquilo que se tornaria a marca registrada de seus escritos: *o estilo machadiano*.

Sem dúvida, num nexos incontestável de causa e efeito, o estilo, entendido como forma/fôrma portadora da cosmovisão do autor, é adaptado à expressão da "diversidade ideológica e retórica (que) será um ingrediente essencial da prosa machadiana ulterior, em que a freqüentação alexandrina e mercurial de todos os estilos acaba sendo o nosso único estilo autêntico, um achado em que a salada intelectual do país encontra o seu registro imortal." (1988, p. 106)

É certo que não se pretende aqui empreender a análise das formas literárias, investigando-as em sua estreita relação com a ordem social, estudo verdadeiramente apaixonante mas que exorbitaria dos limites deste artigo. Mas é certo também que 'a salada intelectual do país' é registrada no estilo machadiano, o qual é encontrado não apenas nos recursos gramaticais, mas também nos expedientes de que o autor lança mão para construí-lo por meio de uma estratégia retórica, entendida a retórica como arte de nomear para persuadir.

Não se pode ignorar a militância jornalística de Machado nem a necessidade comercial de prender a atenção do leitor decorrente da atividade do cronista, folhetinista, crítico literário e teatral. "Na ambiência imaginária originada pela imprensa e intensificada no folhetim, o público era induzido a se comportar como consumidor na escala do planeta. E o folhetinista, explorando como atrativos a variedade, a novidade, a vivacidade, o preço, o exclusivismo etc., transpunha para a técnica da prosa os mandamentos práticos da mercadoria." (Schwarz, 1990, p. 217)

Resulta daí o que parece ser o objetivo primordial da obra machadiana: persuadir o leitor, prender sua atenção por meio de procedimentos hoje sobejamente conhecidos que representam, afinal, a recusa do leitor estático, passivo e o convite "ao exercício mais freqüente da dúvida diante do narrado, a uma percepção mais atenta, mais crítica" (Süssekind, 1990, p. 263-4). Recusa e convite que estão, aliás, claramente expressos na conceituação que Machado faz do leitor: "O leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por ele faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduza a verdade, que estava, ou parecia estar escondida." (1971, p. 1019)

Se assim é para o leitor comum, muito mais se exigirá do tradutor, ele próprio leitor primeiro, responsável pela mensagem que será recebida pelo leitor estrangeiro. Sua ruminação deve habilitá-lo a perceber e compreender criticamente todos os processos que a codificação do texto literário apresenta, pois a tradução é 'uma forma privilegiada de leitura crítica', uma verdadeira 'operação crítica ao vivo.' (1976, p. 31-4)

Claro está que, enquanto sujeito de um momento histórico preciso, o tradutor poderá, conscientemente ou não, deixar-se contaminar pelo espírito subjacente à época de realização de seu trabalho. No caso das obras machadianas, suas traduções em francês abarcam um largo espaço temporal, do início do século até nossos dias, período este marcado pela figuração de mitos que povoaram (e povoam) o imaginário francês.

Os prefácios que acompanham as traduções apontam justamente nessa direção. Machado é tomado como paradigma da latinidade que aproximaria o Brasil da França e sua obra é vasculhada na busca de vínculos intrínsecos com a produção literária européia, particularmente a francesa. Não somente o autor e sua obra são tomados de assalto para justificar o neocolonialismo vigente na primeira metade do século em especial, como também a língua portuguesa, '*langue cadette de la latinité*', é atacada com o intuito de enaltecer a língua francesa, '*langue de la clarté*', a qual teria a virtude de tornar o texto machadiano 'transparente', 'assimilável', 'compreensível'.<sup>3</sup>

---

3. Tais idéias são expressas por Afrânio Peixoto, no prefácio de *Memóires d'outré-tombe de Braz Cubas*.

Com efeito, o tão propalado conceito que associa a língua francesa à clareza, à racionalidade, nada mais é do que uma noção proveniente do classicismo que se repete à saciedade, sem reflexão sobre as variações *históricas* a que uma língua está sujeita. Se os tradutores (todos de origem francesa, à exceção de Luiz Aníbal Falcão) se colocarem diante do texto machadiano imbuídos de idéias preconcebidas de língua, de literatura, ou mesmo de cultura, considerando, por exemplo, a língua de chegada (de um país de Primeiro Mundo) mais adequada, mais precisa, superior, em suma, à língua de partida (de um país periférico, subdesenvolvido), inevitavelmente comprometerão o texto traduzido, contrariando as intenções originais do autor.

O desejável seria que o tradutor se esforçasse no sentido contrário a essa tendência, pois *'le rapport poétique entre texte et traduction implique un travail idéologique concret contre la domination 'esthétisante' (l'élégance littéraire) qui se marque par une pratique 'subjective' des suppressions (des répétitions par exemple), ajouts, déplacements, transformations, en fonction d'une idée toute faite de la langue et de la littérature – qui caractérise la production des traducteurs comme production idéologique alors que la production textuelle est toujours au moins partiellement anti-idéologique.'* (1973, p. 315 – grifo no original)

Contudo, ao menos aos olhos do leitor comum francês, a questão do idioma ainda hoje permanece não explicitada, mas latente na indicação *traduit du brésilien* que acompanha boa parte das traduções a partir de 1980 e que encontra eco nas críticas e resenhas jornalísticas francesas publicadas quando do lançamento das obras em francês. Atribuir tal insistência à necessidade de distinção entre autores brasileiros e portugueses (periféricos e europeus) seria fácil mas não bastaria. Considerando os vínculos mantidos com o Brasil por parte dos diretores da coleção *Bibliothèque Brésilienne* (Éd. A.-M. Métaillé) em que se encontram publicados os títulos de Machado na França nos últimos anos (um deles é brasileiro), o aparente deslize parece apontar muito mais numa direção mercadológica que estimularia as vendas dos livros (*brésilien = Brésil = carnaval = Rio = exotisme*) e reforçaria os mitos já existentes naquele país, para os quais, aliás, a produção machadiana em nada contribui.

Assim condicionada pela visão preconcebida de prefaciadores, jornalistas, editores, público leitor, a obra machadiana poderia parecer fadada ao insucesso na França. Todavia, os textos franceses podem induzi-la a um destino diverso caso os tradutores, 'verdadeiramente ruminantes', tenham 'quatro estômagos no cérebro' que os habilitem a reconhecer e compreender a operacionalidade dos procedimentos literários empreendidos por seu criador. Assim procedendo, lograrão obter "em outra língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema" (1976, p. 24). Permitirão também que o grande mestre das letras nacionais, que jamais saiu do país (ao que ele próprio respondeu, segundo o anedotário corrente, que já fora a Petrópolis), possa passear por terras gaulesas, 'falando' francês, sem perder seu passaporte brasileiro.

STAUT, L. M. V. Le style machadien et le traducteur. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 111-117, 1992.

- **RÉSUMÉ:** *L'article aborde les problèmes qui découlent de la traduction de textes machadiens, tâche qui, habituellement, se heurte au style particulier de l'auteur et à la vision préconçue du traducteur.*
- **UNTERMES:** *Traduction; style; vision de monde.*

## Referências bibliográficas

- CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 13-32.
- CÂMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: \_\_\_\_\_. *Metalinguagem*. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 21-38.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. Esaú e Jacó. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1971. v. 1, p. 945-1093.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973. v. 3
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Quelques contes*. Trad. par Adrien Delpech. Paris: Garnier, 1910. Original português.
- MESCHONNIC, H. *Pour la poétique II. Épistémologie de l'écriture. Poétique de la traduction*. Paris: Gallimard, 1973.
- QUINT, A.-M. A tradução da literatura portuguesa em França: da pedagogia à prática. In: CONGRESSO NACIONAL DE TRADUÇÃO – FORUM PICOAS, 1988, Lisboa. (Policopiado)
- QUINT, A.-M. Du portugais à l'université. In: COLLOQUE PORTUGAL-BRÉSIL-FRANCE. HISTOIRE ET CULTURE, 1987, Paris. *Actes...* Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1988. p. 327-36.
- QUINT, A.-M. La traduction littéraire: de la pédagogie à la pratique. In: COLLOQUE SUR LA TRADUCTION EN FRANÇAIS DE LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE, 1986, Poitiers. (Policopiado)
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- A TRADUÇÃO da grande obra literária: depoimentos. São Paulo: Álamo, 1982.

## Obras machadianas em francês

- Dom Casmurro*. Traduit du portugais par Francis de Miomandre. Version revue par Ronald de Carvalho. Préface par Afrânio Peixoto. Paris: Institut International de Coopération Intellectuelle, 1936. (Collection Ibéro-Américaine).
- Dom Casmurro*. Traduit du portugais par Francis de Miomandre. Version revue par Ronald de Carvalho. Préface par Afrânio Peixoto. Paris: Albin Michel, 1956.

- Dom Casmurro*. Traduit du portugais par Francis de Miomandre. Version revue par Ronald de Carvalho. Préface par Afrânio Peixoto. Paris: Albin Michel, 1956.
- Dom Casmurro*. Traduction et posface de Anne-Marie Quint. Paris: A.-M. Métailié, 1983.
- Esau et Jacob*. Traduit du portugais (Brésil) par Françoise Duprat. Préface de Jean-Paul Bruyas. Paris: A.-M. Métailié, 1985.
- L'Aliéniste*. Traduit du brésilien (sic) par Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Préface de Pierre Brunel. Paris: A.-M. Métailié, 1984.
- La montre en or et autres contes*. Traduit du portugais (Brésil) par Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Préface par Antonio Candido. Paris: A.-M. Métailié, 1987.
- Mémoires posthumes de Braz Cubas*. Traduit du portugais par Adrien Delpech. Paris: Garnier, 1911.
- Mémoires d'outre-tombe de Braz Cubas*. Traduit du portugais par Chadebec de Lavalade. Préface par Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1944. (Les maîtres des littératures américaines).
- Mémoires d'outre-tombe de Braz Cubas*. Traduit du brésilien (sic) par Chadebec de Lavalade. Préface par Afrânio Peixoto. Précédé d'une étude sur Machado de Assis par André Maurois. Paris: Émile-Paul Frères, 1948.
- Mémoires posthumes de Brás Cubas*. Traduit du portugais (Brésil) par R. Chadebec de Lavalade. Préface par André Maurois. Paris: A.-M. Métailié, 1989.
- Quelques contes*. Traduit du portugais par Adrien Delpech. Préface par Adrien Delpech. Paris: Garnier, 1910.
- Quincas Borba*. Traduction de Alain de Acevedo. Introduction de Roger Bastide. Paris: Nagel, 1955. (Collection Unesco d'oeuvres représentatives. Série ibéro-américaine, n° 8).
- Quincas Borba*. Traduit du brésilien (sic) par Jean-Paul Bruyas. Paris: A.-M. Métailié, 1990.
- Há ainda algumas coletâneas de poetas e contistas brasileiros ou sul-americanos, entre os quais se encontra perdido Machado de Assis.